

DELFIN SANTOS E OS TEMAS CULTURAIS

*José Maurício de Carvalho**

Resumo: Nesse estudo examinamos os temas culturais considerados por Delfim Santos como porção significativa do ser do homem. Ele examinou a linguagem, a produção técnica, a consciência científica, os costumes, os valores, a educação, o conceito de filosofia, a história.

Palavras-chave: homem, cultura, espírito objetivo.

Résumé: Dans cette étude nous examinons les thèmes culturels considérés par Delfim Santos comme parcelle significative de l'homme. Il a examiné le langage, la production technique, la conscience scientifique, les valeurs, l'éducation, le concept de la philosophie, l'histoire.

Mots-clé: homme, culture, esprit objectif.

1. Introdução

Experimentamos uma existência temporal. O homem não vive pura e simplesmente, inquieta-lhe a necessidade de viver melhor, perturba-lhe a exigência de encontrar um significado para o seu viver.

* Professor do Departamento das Filosofias e Métodos da FUNREI

Embora tais preocupações pareçam sempre acompanhá-lo ao longo da história, no nosso tempo a sua vida tornou-se objeto de especial preocupação. Delfim Santos (1907-1966) explicou que *nos aproximamos do tema mais importante da filosofia contemporânea: o homem, (porque) sabemos hoje imensas coisas, os progressos extraordinários da física têm resolvido muitos enigmas e o mesmo se pode dizer... de todas as outras ciências.* (Santos, *Meditações sobre a cultura*, 1946. p.403).

A vida humana ganhou dramaticidade na medida em que a tecnologia, criada pelo homem para seu conforto e satisfação, tornou-se, nesse final de milênio, uma ameaça à sua vida. Frente ao perigo, o problema das escolhas e do significado da vida cresceram. A pergunta pelo sentido da vida ganhou densidade na mesma proporção em que diminuiu a confiança que o homem tinha na sua capacidade de valer-se da ciência para edificar o seu futuro. *A experiência histórica destruiu, tragicamente, o otimismo iluminista. A própria Razão, que chegou a ter honras de deusa, é hoje severamente chamada a tribunal.* (Soveral, 1994. p.5).

Neste contexto, as considerações sobre o ser do homem abriram espaço, não apenas para as reflexões acerca de sua experiência íntima, mas também para suas criações objetivas. Elas compunham o que Nicolai Hartmann (1882-1950) denominara de espírito objetivo, parcela integrante do ser espiritual. As criações humanas e o voltar-se para o seu interior contribuíam, explicou o filósofo tedesco, para elucidar o ser do homem.

Esse estudo pretende apresentar aquela parte do pensamento de Delfim Santos voltada para o exame dos segmentos da cultura, notadamente suas idéias sobre o homem, a história, a linguagem, a consciência científica, os valores, a educação, entre outros. Em todos eles existe a tentativa de desvendamento do que é o próprio homem.

Os temas culturais são, no sentir de Delfim, aqueles que contribuem para o aperfeiçoamento moral dos indivíduos ou para o seu amadurecimento espiritual. Ele não considera, pois, a formação coletiva de um grupo humano, ou suas instituições, à parte do significado que tenham para o fortalecimento da vida espiritual. Isto representa, a nosso juízo, que Delfim, embora utilizando uma argumentação moderna, tinha em vista o que os gregos denominavam *paidéia* e os romanos descreviam como *humanitas*. Ele referia-se à cultura como o processo pelo qual o homem atingia um estado tal que o diferenciava dos animais. A cultura era assim o mundo do homem.

2. História e valores

Afirmar que vivemos no tempo, significava para Delfim dizer que nossas referências são temporais. De algum modo tudo o que criamos foi feito em algum momento e legando este produto às nossas crianças, a soma deles irá contribuir para que fique registrada a marca da nossa época. *Cada época tinha na verdade alguma coisa de específica* (Santos, A época e o homem, s.d., p.323), possuía seu próprio charme, tinha um chamamento próprio. Assim não era possível tentar trazer do passado os valores e simplesmente repeti-los, pois cada período da história tinha seus riscos, suas preferências. A história registra os valores que informaram e conformaram cada época,

mas não pode transpor nenhum deles para outra época. sob pena de perder toda a eficiência imediata e de cair no vício do moralismo sociológico, ou conjunto de fórmulas sem conteúdo e ressonância humana (Santos, Humanismo e cultura, 1943, p.341).

Havia nesse equívoco o desconhecimento de que cada etapa da vida do homem tinha seus próprios encantos e desafios. Época, contudo, ele explicou, não é um conjunto de exterioridades, mas *uma realidade espiritual de que não possuímos o método próprio para captar e muito menos para compreender* (idem, p.323).

Enfrentar as provocações do tempo em que vivemos significa criar alternativas, escolher valores, defendê-los e esforçar-se para que acabem registrados como característica nossa. *A história é arte de atribuição de sentido a comportamentos humanos e sociais que pretendem transfigurar o mundo* (Santos, Sentido e valor da cultura, s.d., p.519). A genialidade com que enfrentamos os desafios de hoje vai configurar o perfil de nossa geração e dará os contornos da face pela qual ela será conhecida no futuro. Falamos aqui de uma presença concreta e singular dos homens de hoje.

O homem surge sem mundo e dele se exige que o construa e, depois que se adapte e o adapte. E isto traz-lhe situações trágicas de interrogação, de inquietação e de desespero, que o animal não conhece (Santos, *Meditações sobre a cultura*, 1946, p.401).

Diante dos problemas de nossos dias não devemos julgar inútil o que recebemos do passado. Aliás, como cultura, o que conseguimos armazenar é muito valioso na configuração de um estilo. Cada período tem seu estilo, um modo de enfrentar os seus dilemas. Precisar o significado de cultura é muito necessário para nos livrarmos da inutilidade de tentar manter elementos de outras civilizações e ter, em contrapartida, consciência do que é preciso preservar. O passado nos dá boas lições, o futuro nos ajuda a compreendê-lo. A exclusividade de qualquer um dos aspectos é uma forma indesejável de estar no mundo.

Esta interdependência, explicou Delfim, entre passado e futuro tem como mediadora a tradição. Mas a volta constante à tradição seria a rotina. E o esquecimento constante do passado levaria à aventura. Rotina e aventura limitam o âmbito da vida histórica de um povo, e são perigos mortais de que ora se afasta e ora se aproxima
(Santos, Humanismo e cultura, 1943, p. 341).

O compromisso que temos com o nosso tempo exige que nos situemos com equilíbrio entre o que ficou e o que virá. A vida humana é *a melhor atualização do passado em prospecção do futuro* (Santos, Pensamento e existência, 1952, p. 461).

O principal da história é seu agente, o homem. O que mais vale a pena conservar é ele mesmo, a sua dignidade, a condição de sua existência, a melhoria da sua vida. No entanto, a compreensão do que significa ser homem é normalmente articulada entre o passado e o futuro, entre a semente e a planta. É nesse sentido que cuidamos de preservar também nossas cidades históricas, as músicas de Mozart, os quadros de Renoir, pois neles enxergamos valores que ajudam a desvendar o ser do homem, isto é, *podem levar o homem do século XX ao encontro de si mesmo* (Santos, Meditação sobre a cultura, 1946, p. 408). Na medida em que a história revela o que o homem é, ainda que nunca de um modo definitivo, ela auxilia a desvelar o que é propriamente o modo humano de ser, ou vai pondo em evidência o que é humano no homem, *permitindo-lhe a descoberta de valores com atividade e eficácia sugestiva sobre a sua própria vida* (idem, p. 408).

Se entendermos a história como o processo pelo qual o homem não apenas luta para sobreviver, mas se a enxergamos como um espaço de desvendamento privilegiado do que ele próprio seja, então veremos a conjugação entre os valores e a história, postulada por Delfim. Na proporção em que transmite o produto de sua criação o homem vai

deixando as marcas de sua presença no tempo. Logo, na história do homem sobreviver não é o único compromisso, existe a necessidade de responder *ao tempo com as suas exigências de ordem espiritual e intelectual... Neste instante desabrocha como pessoa* (Santos, A época e o homem, s.d., p. 324).

3. A ciência e a crise do homem

A ciência moderna nasceu do esforço para entender o funcionamento do mundo natural e para tanto desenvolveu um método próprio. Na mesma proporção em que se afirmava como forma de conhecer a realidade, a ciência veiculou a imagem de clareza, limpidez de investigação e transparência dos resultados. Em sua origem a ciência defendeu uma cristalina coleta de dados e organização dos experimentos. *A ciência no mundo moderno nasceu de um esforço comum para abolir a noção de oculto, que os alquimistas cuidadosamente cultivavam e defendiam* (Santos, Ocultismo, 1946. p.380). No entanto, os rumos da ciência nos descaminhos do espírito conduziu a um afastamento progressivo desta elogiável atitude primitiva. Os cientistas afastaram-se do compromisso com a verdade e com o futuro do homem.

Hoje o sábio que trabalha no seu laboratório não só sabe que os resultados do seu esforço são imediatamente valorizados pela contribuição destrutiva que podem realizar, como também sabe que é por isso que os meios materiais lhe são concedidos (idem).

É esse descompasso do cientista com o destino do homem que constitui o ponto crucial da separação da ciência do século passado daquela hodiernamente praticada. A ciência, que se esqueceu do homem,

contribuiu para fomentar a sua crise, que é, em última instância, a da cultura.

Delfim referiu-se aos descaminhos da ciência como uma espécie de vingança da consciência moral. Desde Soren Kierkegaard (1813-1855) a experiência *das contradições da existência individual, ao ritmo da vida interior e subjetiva* (Nunes, 1991, p.36), deixava ver aspectos emergentes da crise do homem. Portanto, ainda que essa crise tivesse um sentido mais amplo e suas causas fossem mais profundas, para ela contribuiu o distanciamento entre a exatidão da ciência, a precisão dos resultados e o ideal de humanidade inerente ao pensamento filosófico. Com a ciência o homem

conquistou o mundo exterior, descobriu mistérios da vida, estendeu possibilidades de comunicação, mas no momento em que se preparava para festejar a sua vitória na terra, alguma coisa lhe disse que, afinal, ela não merecia ser festejada, que o seu orgulho era descabido e que, realmente, em vez de vitória, se tratava de uma derrota, de uma pavorosa derrota, da derrota de si

(Santos, Meditação sobre a cultura, 1946, p. 409).

Delfim Santos considerou uma derrota o afastamento da compreensão ampla do homem tal como foi efetivada pela ciência, compreensão que originalmente era continuadora dos altos propósitos concebidos no iluminismo, mas que representava para ele o objetivo maior da meditação filosófica. *A filosofia, asseverou, sempre pretendeu que o homem se lançasse nesse outro mundo que traz em si e que, na maior parte dos homens, permanece visceralmente oculto, latente* (Santos, Filosofia da distração, 1946, p.373).

Ao propor a filosofia como o instrumento de explicitação do ideal valorativo do homem, Santos aproximou, como já o fizera Husserl, os objetivos amplos do pensamento e o compromisso ético-

espiritual da humanidade. Ao fazê-lo, distanciou o exercício reflexivo filosófico do saber construído pela ciência moderna.

O homem da ciência, explicou, é o homem que possui, que tem conhecimentos, que se esquece a si na contemplação das suas posses e as aumenta constantemente diante dos enigmas que elas vão destruindo e incorporando nos tesouros do seu saber ou erudição. O sage, pelo contrário, é o homem que desvalorizou conscientemente a acumulação de saber e procura ser mais meritório

(Santos, *Cultura como autenticidade*, 1944, p.357).

Nota-se que o filósofo distinguiu, como opostas, a atitude do mundo destituída de compromisso ético e o tipo de saber amplo, que apreende a amplitude das diversas regiões da realidade e que está comprometido com o destino dos homens. E a oposição nascida entre o telos da razão filosófica e a concepção mecânico-quantitativa promovia uma espécie de ruptura no universo humano de onde emergia a crise de nossos dias.

O problema da diferença entre o objetivo ético do pensamento e o seu abandono pela ciência foi agravado pelo positivismo, na medida em que a difusão do movimento serviu para reduzir o campo da razão ao espaço da experiência.

E, sempre que uma época supõe que o mais importante é convencer os homens seja do que for, exerce uma ação imoral e cria imediatamente a dúvida sobre as intenções dos que pretendem convencer. A verdade tem em si força suficiente de convicção

(Santos, *Orientações*, 1946, p. 366).

Era bem verdade que a filosofia não deixava também de contemplar *o esforço pessoal de melhor adaptação do conhecimento à realidade* (Santos, *O valor da ironia*, 1943, p. 353), mas sem perder o

papel educativo próprio da formação cultural. Na base desse processo educativo ou formador do *ethos* havia, como estímulo, *um elemento trágico que poderia bem relacionar-se com o que Unamuno chama sentimento trágico da vida* (idem).

A filosofia delfiniana distinguiu, desse modo, o conhecimento científico da sabedoria, indicando a razão da crise contemporânea.

Cada época sofre de uma nova espécie de crise, no plano intelectual, essa crise revela-se predominantemente na reorganização da concepção do mundo que o homem tem de realizar para dar sentido à sua própria existência e à existência dos outros

(Santos, Pensamento e existência, 1952. p. 460).

4. A linguagem e o homem

A questão da linguagem mereceu consideração especial de Delfim Santos. Ela comportava um sentido histórico-cultural, isto é, vinculava-se inevitavelmente à explicitação da vida humana. *Nada há mais extraordinário do que a palavra, explicou o filósofo, pois ela nos distingue do reino da animalidade e nos tornamos dignos ou indignos representantes do homem pensante e sábio* (Santos, Palavra e pensamento, 1951. p. 450). Como se vê, a língua ajudava a elucidar o ser do homem, porque era um dos componentes essenciais da cultura ou *é a palavra que revela o homem e também o distingue* (Santos, Verbo, 1946. p. 391). Esta revelação não propiciava um surgimento completo, desde que o seu evoluir não se fazia por evolução, mas era uma maneira de *descobrir o homem e desvendá-lo nas suas possibilidades de realização ou compreensão* (Arte pelo homem e para o homem, 1950).

p. 439). Não era lícito considerar tais movimentos *como consequência da evolução* (idem), uma vez que fazê-lo significava assumir uma perspectiva essencialista calcada na idéia de natureza humana. A linguagem propiciava a interação, estimulava a interdisciplinariedade, mas sobretudo, valendo-se de uma ampla experiência, estava na base do diálogo e *o diálogo é o essencial fundamento da presença humana* (Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia, 1938. p.333.).

Justo porque Delfim entendeu a linguagem como componente da cultura, não lhe parecia adequado falar de um modelo ideal. Cada linguagem era a expressão dum mundo diferente e com limites não coincidentes... *Cada língua tem sempre uma base de referência que não coincide com a base de referência de qualquer outra e que é determinada pela história da cultura do povo que a fala* (Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia, 1938. p.334). Esse aspecto singularizante fornecia, em contrapartida, um limite posto pelo próprio processo de singularização. *Uma língua é muito mais que um meio de expressão, (...) ela delimita e condiciona a manifestação das possibilidades do pensamento* (idem, p. 333). Como forma de manifestação de um povo, a literatura que nascia era incompatível com as outras. *Para ser algo relevante precisava seguir a si própria, isto é, (...) a evolução dos germes contidos na sensibilidade do povo a que pertence o autor* (Santos, Arte pelo homem e para o homem, 1950. p. 438).

Desejando manter associadas a palavra e o pensamento com o propósito de evitar uma valorização dos signos em si mesmos, Delfim referiu-se à poesia como um aspecto especial da linguagem. Seguindo a trilha aberta por Heidegger, afirmou que

a fundamentação do ser está, pois, em relação com os sinais divinos e só o poeta a percebe. A poesia é, também, a interpretação da voz do

povo e a sua essência é assim algo intermediário entre os sinais dos deuses e a voz do povo (idem, p.359).

Cuidou, contudo, de explicar que se tratavam de aspectos irredutíveis, realçando a distância existente entre a linguagem e o pensamento, pois o valor não se deixava apreender pelas palavras, nem mesmo as mais elegantes como as encontradas na poesia.

É isto que o pensamento exige às palavras: dignidade, correção e fidelidade. São precisamente estas as virtudes mais difíceis de encontrar na imensa classe das servas vocabulares, porque a todo o momento se mostram infieis, incorretas e indignas do pensamento (Santos, Palavra e pensamento, 1951, p. 451).

Como parte do processo de elaboração da linguagem, a literatura era sempre um ato individual de criação. Aliás, os produtos do espírito sempre eram elaborados pelo homem concreto, que emprestava à sua criação o próprio talento, isto apesar dos limites que a cultura pudesse lhe impor. *A literatura é um fenômeno de criação individual e seu valor é dependente do homem que se torna autor* (Santos, Arte pelo homem e para o homem, 1950, p.438). Ao propor a linguagem com uma expressão do sujeito humano, Delfim reconheceu que a consciência era sempre singular e apenas analogamente se podia atribuí-la a organismo coletivo ou entidades abstratas.

5. Cultura

A vida humana é processo de edificação de um sentido, de um projeto para iluminar o presente, do mesmo modo que o presente ajuda a desvendar e a rever os fatos passados.

Cultura é atividade e atividade dirigida, não para realidades primárias do mundo sensível, mas para outro tipo, se assim podemos dizer, de realidades ausentes neste mundo, mas presentes no mundo do espírito de que só o homem é portador

(Sentido e valor da cultura, s.d. p. 518).

Para Delfim, o aspecto mais importante da cultura era justamente a vinculação entre o produto do fazer diário e o ideal de homem. *Cultura é um processo de valorização do humano, isto é, mais de formação de caráter do que de transmissão de saber. Não há cultura, portanto, sem um certo conceito de humanismo que lhe sirva de suporte* (Meditações sobre a cultura, 1946. p. 407).

O processo de edificação do sentido e implantação dos valores, que vai elaborando o tecido da cultura, era fruto da meditação e da genialidade de um sujeito concreto, expressando-se na ironia. Evidentemente Delfim concordava com Husserl, para quem a **consciência de** era sempre singular. Por isto, *a criação artística e, sobretudo, a criação poética, e a evolução do artista denotam o grau de ironia de que foram capazes* (O valor da ironia, 1943. p. 351). De um modo sugestivo expressa-se o entendimento delfiniano de que o filósofo se afirma contra a mediocridade.

A atribuição do sentido, que torna o homem verdadeiramente homem (Sentido e valor da cultura, s.d., p.520), foi comparado por Delfim a um processo de cultivo cuidadoso. *A arte do tratamento das plantas (correspondia) à arte de tratar da organização dos conhecimentos* (idem, p.521). Deste modo, o mundo humano dos valores guardava, como entenderam Kant e Tobias Barreto, uma distância do mundo natural, ou melhor, *a natureza e o homem são irreduzíveis* (Saber e cultura, 1951. p. 444). Era, pois, preciso suplantar na edificação da cultura os monismos.

Uma concepção espiritualista do mundo é tão abusiva nos seus fundamentos como uma concepção materialista. Não é necessário, para se refutar o materialismo, reduzir tudo a espírito, como não é necessário, para refutar o espiritualismo, reduzir tudo à matéria

(Meditação sobre a cultura, 1946. p. 399).

O pluralismo das regiões da realidade não justificaria, contudo, se falar de uma realidade integrada por inteligíveis metafísicos. *A semente é o que gera a futura planta, os conhecimentos que importa lançar ao espírito devem ser aqueles que permitam gerar o que correspondentemente no saber humano é a flor e o fruto* (Sentido e valor da cultura, s.d., p. 521).

No esforço de construção do saber e da cultura, Delfim distinguia o conhecimento propriamente voltado para o domínio do mundo, daquela forma de sabedoria que, percorrendo o homem por inteiro, mudava-lhe a vida. Ele afirmou

que encontramos no saber apenas um intuito de domínio das circunstâncias, e na sabedoria uma valorização do subjetivo que eleva e superioriza o sujeito pensante perante essas mesmas circunstâncias (idem. p. 524).

A vida humana é dinâmica; a construção do sentido é atividade contínua. Neste processo tanto ocorre a *insuficiência dos sistemas de valores relativamente aos ideais a realizar (quanto) se sente a insuficiência de certo ideal relativamente aos sistemas de valores formulados* (Meditação sobre a cultura, 1946. p. 395). O resultado de ambas as situações é a crise, a respeito da qual Delfim referiu-se como *uma aventura a que falta a rotina, um querer a que falta claro objetivo, uma aspiração formada em contraste negativo com o que é e que se não se deseja que continue sendo* (idem. p. 396). Ao que completou: *Não se procura um*

mundo novo por interesse de natureza estética, mas por sentirmos em total ruína o sistema estável de valores, que foi seguro para outras gerações (idem, p. 396).

No espaço da vida social, Delfim distinguiu civilização e cultura, a última estava ligada aos valores. *A civilização pertence à ordem dos meios e os valores à ordem dos fins* (O ocidente e o futuro, 1960. p. 464). As civilizações pensam e morrem, mas a cultura é um contínuo palpitar de *novas intenções, ideais, valores*, etc. (Cultura passada em Portugal, 1952. p. 464).

A cultura é, pois, o aspecto primordial da presença humana no mundo, porque engloba as possibilidades que o homem empresta provisoriamente às coisas, aos outros e a si mesmo (Sentido e valor da cultura, s.d., p.519).

6. Conclusão

O que pode aspirar o homem neste século tão conturbado? A ciência não lhe deu o que aspirava, a história revelou-se capaz de lhe pregar surpresas impensáveis, o respeito à dignidade humana continua posto como objetivo de difícil concretização, a civilização ocidental vive intensas modificações, o otimismo associado à capacidade do homem mudar o mundo está praticamente extinto, a capacidade humana de criticar foi reduzida pelos padrões massificadores da vida social contemporânea, cresce a intolerância, reaparecem o fanatismo religioso e a brutalidade das guerras. Neste universo de perplexidades o pensamento pleno de humanismo de Delfim Santos é uma referência muito importante. Do seio das hodiernas conturbações, o filósofo foi capaz de revelar uma coragem que se pensava extinta, uma confiança

que se pensava morta, conseguindo recolocar o que é humano no homem. Ele fez da humanização o sentido da vida que se exprimia na cultura.

O homem era sujeito de dignidade, lição preciosa de Kant que Delfim reconstruiu com laboriosa e singela beleza. O conceito de espírito na obra de Delfim representou uma parcela do real da qual o homem participava. Não há qualquer propósito de repropor o monismo, o pluralismo categorial abriu um espaço próprio para a construção do universo do homem, de cada homem.

O mundo humano era uma forma privilegiada de consciência. O passado estava nela presente, mas não era determinante, bem ao contrário, estimulava a atualização da consciência e nela ganhava compreensão. O futuro estava também presente, não como sonho irreal, mas como um desafio a inspirar o cotidiano. O mundo humano era o espaço produto do espírito. Transitou-se do pensamento animal para um outro nível.

O espírito não era ponto de partida como no idealismo, nem de chegada como queria o marxismo ou o evolucionismo positivista. A consciência transcendental adquiriu um prolongamento que a situou às portas do realismo, guiada pela descrição fenomenológica.

O espírito era o espaço de afirmação do humano, mas o homem não é só espírito. Nele também revelam-se os demais aspectos de uma realidade complexa, de onde despontavam a matéria, a vida e a consciência. Diversidade de estratos, pluralidade de categorias pedia Delfim. A abordagem dos estratos fazia-se pela descrição fenomenológica, que o filósofo aprendeu de Husserl, não podendo ser fruto da analogia ou de qualquer tipo de senda que levasse aos inteligíveis puros. Pensamento e realidade guardavam uma distância insuperável.

A filosofia, neste contexto, ajudava a revelar o ser do homem em lento e elaborado processo. Para tanto contribuíram as diversas formas

de significação e arte. Elas colocavam as criações humanas num patamar superior ao alcançado pelos outros animais, separando-o definitivamente daqueles.

7. Bibliografia

NUNES, Benedito. *A filosofia contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

SANTOS, Delfim. A época e o homem (s.d.). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia (1938). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Humanismo e cultura (1943). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. O valor da ironia (1943). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Cultura como autenticidade (1944). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Filosofia da distração (1946). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Orientação (1946). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Meditação sobre a cultura (1946). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Sentido e valor da cultura (s.d.). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Arte pelo homem e para o homem (1950). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Palavra e pensamento (1951). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Saber e cultura (1952). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Pensamento e existência (1952). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. Cultura passada em Portugal (1952). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

_____. O ocidente e o futuro (1960). In: *Obras Completas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

SOVERAL, Eduardo Abranches de. Modernidade e Contemporaneidade. In: *Revista da Faculdade de Letras*. Série Filosofia, n. 11, segunda série, p. 5-70, Porto: Imprensa da Universidade, 1994.